

Organizadoras:
Cláudia Beatriz M. M. de Lima Nicácio
Maria José Nogueira

DICIONÁRIO DE GÊNERO, CORPO E SEXUALIDADE

de Paz



DICIONÁRIO DA DIVERSIDADE DE GÊNERO E SEXUALIDADE

LGBT de A a Z

Belo Horizonte
2025

Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais (ESP-MG)

FICHA TÉCNICA

Ilustradores

Bruni Fernandes
Caio Piastrelli
Igor Maciel
Jocosa Aguiar

Autores

Bruno Reis de Oliveira
Caio Benevides Pedra
Claudia Beatriz Machado Monteiro de Lima Nicácio
Enrico Martins Poletti Jorge
Maria Nogueira

Revisores

Vênus Drubsky
Enrico Martins Poletti Jorge
Marina Alves Amorim
Luísa De-Lazzari Bicalho Peixoto Resende

Projeto Gráfico e Diagramação

Wellington Tadeu

Organizadores

Maria José Nogueira
Claudia Beatriz Machado Monteiro de Lima Nicácio

ficha catalográfica

SÉRIE
Sempre
-vivas



SUMÁRIO

Apresentação 08

Prefácio 11

A.

Agênero 12

Androginia 14

Assexualidade 16

B.

Bigênero 18

Bissexualidade 20

C.

Cisgênero 22

Crossdresser 24

D.

Drag Queen 26

E.

Expressão de Gênero 28

G.

Gay 30

Gênero 32

Gênero fluido 34

H.

Heterossexualidade 36

Heteronormatividade 38

Homossexualidade 40

Homem cis 42

Homem trans 44

Homofobia 46

I.

Identidade de gênero 48

Intersexual 50

P.

Pessoa não binária 52

L.

Lésbica 54

Lesbofobia 56

LGBTfobia 58

LGBTQIAPN+ 60

M.

Masculinidade tóxica 62

Mulher cis 64

Mulher trans 66

O.

Orientação sexual 68

P.

Pansexualidade 70

Q.

Queer 72

R.

Redesignação de gênero 74

S.

Sexo biológico 76

T.

Transfobia 78

Transgênero 80

Transexual 82

Transvestigênera 84

Travesti 86

V.

Violência de Gênero 88

Posfácio 90

Aos ilustradores 92



João Pinheiro que participam de pesquisas de gênero e sexualidade; a terceira com alunos do sétimo ano de uma escola municipal de um município da Rede Metropolitana de Belo Horizonte e o quarto com alunos do Instituto Federal de Ouro Preto e graduandos do curso de medicina da Universidade Federal de Ouro Preto.

O processo de validação permitiu compreender as lacunas e as potencialidades do material apresentado e produzir um primeiro processo de revisão, reavaliando a linguagem, adaptando o formato e adequando as terminologias para a produção de um vocabulário mais acessível. Desse modo, foi produzida uma versão preliminar que foi enviada para pesquisadores externos à equipe responsável pela elaboração do dicionário para uma revisão de conteúdo.

Cada pesquisadora realizou suas revisões em uma cópia da versão preliminar, sem acesso às correções realizadas pelos demais envolvidos. Na etapa final do processo, a equipe responsável pelo dicionário dialogou com cada um dos revisores, realizando as devidas alterações de conteúdo. Posteriormente, as versões revisadas foram comparadas entre si e utilizadas para produzir o texto final.

Paralelamente ao processo de escrita, foram contratados quatro artistas mineiros que representam grupos distintos da população LGBTQIAPN+ para ilustrar o dicionário. Por meio de diferentes técnicas, referências e vivências, esses ilustradores nos ajudaram a representar, por meio da arte, a diversidade que o dicionário objetiva abarcar.

O texto e a ilustração complementam-se, construindo um resultado mais potente que a soma de suas partes e produzindo referências visuais que são tão relevantes no processo de aprendizado quanto os conteúdos escritos. Além disso, funcionam também como elementos lúdicos, que não só materializam conceitos um tanto quanto abstratos, como “expressão de gênero”, “violência de gênero” e “orientação sexual”, mas também dão espaço para que o adolescente construa sua própria interpretação.

Por fim, gostaríamos de agradecer a todas, todes e todos que participaram do processo de criação desse dicionário. Cada verbete aqui descrito é fruto do trabalho colaborativo de muitas mãos, produzido a partir da diversidade. Gostaríamos de agradecer também a você que tem esse material em mãos e que com ele poderá contribuir com o projeto de uma educação que preza pelo respeito e pelo reconhecimento da diversidade.



Prefácio

Vênus Drubsky

Você já parou para pensar no poder das palavras? Elas são algumas das nossas principais ferramentas de comunicação, a partir das quais exprimimos o que sentimos, desejamos e percebemos... Podemos ver as palavras como fonte de inspiração e instrumento de transformação social. Neste dicionário, você encontrará 40 termos relacionados à sexualidade e à diversidade sexual, com suas definições, curiosidades e dicas de conteúdo!

Muitos dos termos que falam sobre a diversidade sexual não são fixos. Isso quer dizer que temos palavras diferentes para dizer a mesma coisa e uma mesma palavra com significados diferentes. Como no caso daqueles termos que surgiram representando algo, mas que foram ressignificados ao longo da história. Uma vez que a criação e o uso deles vieram de diferentes espaços e vivências, é importante analisar o contexto sociocultural do lugar que surgiram. A linguagem é algo vivo, que muda ao longo do tempo.

A sociedade atual ainda tem dificuldades para entender e respeitar o universo da diversidade sexual, em destaque para a comunidade LGBTQIAPN+, o que gera situações de vulnerabilidade para diversos grupos. Educar as pessoas em relação às terminologias é um dos passos para combater o preconceito e quebrar estigmas sociais. A falta de conhecimento é um facilitador das violências. Não se esqueça disso!

Já que estamos tratando de temas tão amplos e complexos, temos que analisar as suas interseccionalidades, ou seja, é preciso entender quais são os atravessadores que aumentam a vulnerabilidade da população LGBTQIAPN+. Questões raciais, sociais, etárias, religiosas e capacitistas causam grande impacto no tema da diversidade sexual, contribuindo para o aumento das situações de violência.

Esse dicionário não é uma lista definitiva dos termos, mas sim um guia para ampliar o entendimento de tópicos sobre a diversidade sexual. Leia com curiosidade, sabendo que as definições podem e vão evoluir com o tempo. O que importa é criarmos ferramentas de diálogo, aprendizado

1. Agênero

a-gê-ne-ro

Pessoa que não se identifica com nenhum gênero, podendo se identificar dentro do termo guarda-chuva “não binário”. A sua primeira aparição documentada foi só em 1997, em um artigo científico. As definições para a palavra “agênero” como identidade podem variar, porque o termo ainda está em construção.

Curiosidade: As pessoas agêneras têm uma bandeira formada por sete listras horizontais da mesma altura, sendo dividida entre quatro cores. A primeira e a última listra são pretas e simbolizam a completa ausência de gênero. A segunda e a sexta são cinzas, simbolizando a ausência parcial de gênero. A terceira e a quinta são brancas e têm o mesmo significado das pretas, a ausência de gênero. E a quarta listra, posicionada exatamente no meio das outras, é verde e representa a identidade agênera. Algumas pessoas atribuem o verde também à identidade não binária, mas o fato é que a escolha pelo verde foi, antes de tudo, uma alternativa para fugir do binômio rosa-azul.

Indicações: A animação “Nimona”, de 2023, conta a história de uma personagem que se apresenta muito próxima à identidade agênera. Nimona, um ser capaz de transformar seu corpo, segundo a sua vontade, passa o filme tentando se identificar para além do binarismo de gênero. Não é nem homem, nem mulher, às vezes, nem mesmo humana, só Nimona.

Agênero é a pessoa que não se identifica com nenhum gênero.



2. Androginia

an-dro-gi-ni-a

Androginia é uma característica de pessoas com expressão de gênero que utilizam características reconhecidas socialmente como femininas e masculinas ao mesmo tempo. Pode ser expressada por meio de atributos físicos, roupas, acessórios e comportamentos. Pessoas que se apresentam de forma andrógina podem ser de qualquer orientação sexual ou identidade de gênero. Androginia é somente a forma como o indivíduo se sente mais confortável para se expressar.

Curiosidade: Muitas pessoas associam a androginia com corpos que não conseguem ser identificados como “homens” ou “mulheres”, mas será que é isso que é ser andrógino? A definição de androginia pode variar de acordo com a visão da pessoa e a cultura que ela está inserida. Ao definirmos esse conceito a partir de nosso ponto de vista, estamos impondo os nossos ideais de “masculino” e “feminino” em corpos que não conhecemos.

Indicação: São inúmeras as personagens andróginas no cinema, na literatura e na televisão, e várias histórias têm a androginia como fator fundamental. Mulan, por exemplo, é um filme da Disney em que uma menina se disfarça de menino para se alistar no exército no lugar de seu pai.



3. Assexualidade

as-se-xu-a-li-da-de

Trata-se de uma orientação sexual referente às pessoas que sentem pouca ou nenhuma atração sexual, independentemente do gênero. Pessoas assexuais podem ter atração romântica por outro indivíduo, bem como gostar de toques e ter o desejo de estar em um relacionamento afetivo, podendo haver amor, interesse e, até mesmo, intimidade. Isso significa que assexuais dificilmente se sentem atraídos sexualmente por pessoas que gostariam de se relacionar romanticamente.

Curiosidade: A assexualidade é entendida como um espectro, sendo que, em um extremo, temos aqueles que não sentem atração sexual sob nenhuma condição, como é o caso daqueles conhecidos como “assexuais estritos”. No outro extremo, temos os assexuais, que possuem atração sexual em situações específicas, como é o caso dos “demissexuais”, que necessitam de algum formato de conexão emocional antes de experimentar a atração sexual.

Indicação: A série “Heartstopper”, da Netflix, vem conquistando corações nos últimos anos, é baseada na história em quadrinhos de mesmo nome, criada por Alice Oseman. A autora é uma pessoa assexual que sempre tenta trabalhar a temática em seus livros, como é possível ver em sua obra “Sem Amor”, publicada no Brasil pela Editora Rocco.



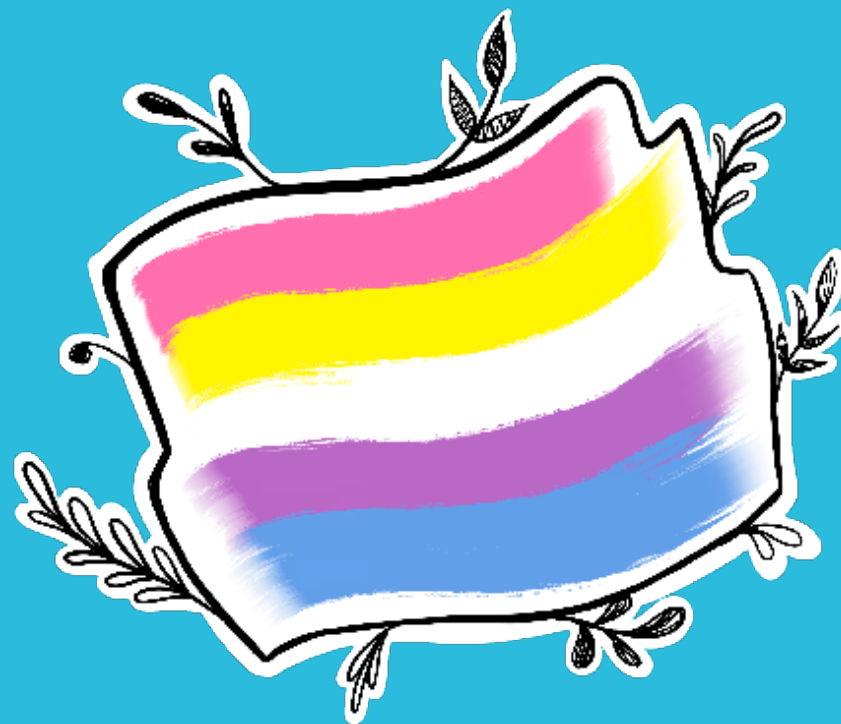
4. Bigênero

bi-gê-ne-ro

Pessoa que se identifica com dois gêneros. Porém, isso não é assim tão simples. Primeiro: esses dois gêneros não precisam, necessariamente, incluir apenas homem/mulher. Segundo: a pessoa pode ter os dois gêneros ao mesmo tempo durante toda a vida, de forma equilibrada e sem alterações na intensidade de cada um deles, mas também pode se identificar com um gênero de cada vez ou sentir que eles se alternam.

Curiosidade: A bandeira bigênero é composta por cinco faixas horizontais do mesmo tamanho, mas cada uma é de uma cor. A rosa representa as pessoas que têm mulher como um de seus gêneros, a amarela representa as pessoas que têm algum gênero não binário como um de seus gêneros, a branca representa as pessoas que são parcialmente agênero, a roxa representa as pessoas que são homem e mulher e a azul, por último, representa as pessoas que têm homem como um de seus gêneros.

Indicações: Na literatura, o trabalho de Akwaeke Emezi aborda um pouco a ideia de corpos bigêneros a partir de uma perspectiva do povo Igbo da Nigéria. Em “Água Doce”, um romance autobiográfico, Akwaeke relata sua experiência por meio da personagem Ada, explorando a realidade dos Ogbanje, quando dois espíritos existem em conjunção dentro do mesmo corpo, esse fato que produz questões relativas à sua própria identidade de gênero e sexualidade.



5. Bissexualidade

bis-se-xu-a-li-da-de

É a atração emocional, romântica ou sexual por mais de um gênero, ou seja, por mais que o bi passe uma noção de dualidade, pessoas bissexuais podem sentir atração por corpos que se identificam enquanto homem, mulher, pessoa não binária ou qualquer outra identidade de gênero. A bissexualidade não é uma fase, nem sinônimo de indecisão, mas sim uma orientação sexual. Como a orientação sexual diz respeito aos desejos e não às práticas, uma pessoa bissexual não se torna hétero, por exemplo, por namorar com alguém do mesmo gênero.

Curiosidade: Cada vez torna-se mais visível a ideia de “bifobia”, ou seja, um conjunto de violências próprias da experiência bissexual e que deve ser combatido. Essas violências derivam não só da invisibilização que o grupo de bissexuais sofre pelo senso comum, no qual essa orientação sexual é vista como uma “fase de experimentação”, mas também dos estereótipos ligados ao grupo, colocando-o como vulgar e altamente sexualizado.

Indicação: Uma série com personagens bissexuais que foi sucesso junto ao público jovem foi “Com amor”, Victor, que saiu no Brasil pela Amazon Prime Video. Ela narra o caminho de autodescoberta do jovem Victor e dos seus amigos.



A bissexualidade não é uma fase, nem sinônimo de indecisão, mas sim uma orientação sexual!

6. Cisgênero

cis-gê-ne-ro

Pessoa cuja identidade de gênero é condizente com a atribuída ao nascimento. Para compreender melhor a definição de cisgênero, deve-se analisar a origem etimológica do prefixo: *cis*, que significa “do mesmo lado” ou “ao lado de”, em latim. Sendo assim, esse termo faz referência à concordância da identidade de gênero do indivíduo e à sua atribuição ao nascimento baseada no órgão genital. Em outras palavras, são pessoas nascidas com pênis que se identificam como homens e pessoas nascidas com vagina que se identificam como mulheres.

Curiosidade: “Cistema” é uma paródia da palavra “sistema”, combinando-a com o prefixo “cis”, de “cisgênero”. É muito utilizada por pessoas trans como uma forma de destacar que o sistema é cis, ou, em outras palavras, que a cisgeneridade é a regra e quem não é cisgênero está sempre sendo forçado a se adequar.

Indicação: Ainda ficou confuso com a diferença entre cisgênero e transgênero? A youtuber Bryanna Nasck pode te ajudar! Em seu vídeo rápido e prático *O que é cis | cisgênero? Eu tenho a resposta!*, ela consegue explicar os conceitos de forma criativa e sensível.

Assista em:



7. Crossdresser

cross-dress-er

Pessoa que se reconhece em uma identidade de gênero, mas gosta de se vestir com roupas e acessórios comuns ao gênero oposto. Não é uma identidade de gênero, nem uma orientação sexual, mas sim uma forma de expressão de gênero.

Curiosidade: É comum que homens pratiquem o crossdressing em casa, em momentos íntimos e privados, mas existem clubes voltados para essa prática. Nesses locais, alguns deles muito grandes e conhecidos (como o Brazilian Crossdresser Club), esses homens se reúnem em busca de amizade, apoio e troca de experiências.

Indicação: O livro “Cheio de Charme”, publicado no Brasil em 2010, é a versão traduzida de “This Charming Man”, de 2008, da escritora irlandesa Marian Keyes que fez muito sucesso na primeira década dos anos 2000. Nessa obra, ela conta a história de quatro mulheres. Uma delas é a estilista Lola, que, após descobrir uma traição, decide se mudar para uma cidade pequena onde começa a receber encomendas “estranhas” (a primeira é de “sapatos femininos tamanho 46”) e encontra um grupo de fazendeiros crossdressers.



8. Drag queen

drag-queen

Drag queen (termo que também conhecida no Brasil como transformista) é uma representação artística, uma personagem, construída geralmente a partir da maximização de características femininas por meio de recursos como maquiagem, peruca, enchimentos e vestuário. Historicamente, as pessoas associam a drag com manifestações artísticas desempenhadas por homens gays que se vestem de forma hiperfeminina para apresentações (de canto, dança ou teatro). No entanto, hoje temos pessoas de diferentes orientações e identidades de gênero que participam da arte drag, construindo um cenário diverso e inclusivo.

Curiosidade: Drag queen não é uma identidade ou uma orientação, nem diz nada sobre a sexualidade de um indivíduo, porque se trata de um personagem e tem duração temporária. Assim como a pessoa se monta para performar, ela se desmonta quando a performance chega ao fim. O artista é uma pessoa, a personagem é outra. A personagem deve ser sempre tratada no feminino, porque é uma representação feminina, e o artista deve ser tratado com os pronomes adequados à forma como ele se identifica.

Indicação: No cenário musical nacional, várias drag queens conseguiram grande sucesso e visibilidade, como Pablio Vittar e Gloria Groove, que conquistaram o país e estão popularizando a arte drag para um público cada vez maior. Para aqueles que querem conhecer um pouco da história das drag queens, por que não assistir um filme clássico? Priscilla, a rainha do deserto é uma boa pedida para toda família.



9. Expressão de gênero

ex-pres-são de gê-ne-ro

É a forma como cada um de nós se expressa. Todos nós construímos uma imagem composta por vários detalhes: escolhemos um corte para o cabelo, umas roupas mais justas ou mais largas, mais discretas ou mais coloridas, além de um jeito de falar, gesticular, andar e de nos colocar no mundo. Essas opções são socialmente reconhecidas como femininas, masculinas, neutras ou andróginas. A forma como nos expressamos pode estar alinhada com a identidade de gênero, mas também pode não estar. Uma mulher não precisa usar todos os recursos da feminilidade para ser considerada ou reconhecida como uma mulher, assim como os homens.

Curiosidade: A expressão de gênero tem um papel fundamental na construção da autoestima das pessoas e essa centralidade pode ser observada aqui pelo grande número de termos que se relacionam com ela. É preciso entender a expressão de gênero, por exemplo, para entender o que é drag queen, o que é crossdresser, o que é andrógino e até o que é heteronormatividade. Essa importância já foi reconhecida também como direito, já que, no Brasil, as pessoas LGBTQIAPN+ têm o direito de ter cabelos, unhas, roupas, acessórios e demais coisas que compõem a sua expressão de gênero.

Indicações: Você sabe o que é uma tomboy? Essa expressão de língua inglesa é utilizada para se referir a meninas que possuem uma expressão de gênero percebida como masculina, seja por evitarem elementos tipicamente femininos, como vestidos, saias e tons pastéis, ou mesmo por usarem cabelos curtos, roupas esportivas e tons neutros. Tomboys usualmente sofrem violências na infância pelo forma como escolhem

se vestir e se comportar, por não serem vistas enquanto “femininas” o suficiente. Contudo isso vem mudando com o surgimento de personagens como Giulia (Luca, 2021), Elie (Up, 2009) e Enola Holmes (Enola Holmes, 2020), pois elas retratam meninas que desafiam estereótipos de gênero e se empoderam por meio dessa forma de ser no mundo.

A expressão de gênero tem um papel fundamental na construção da autoestima

10. Gay

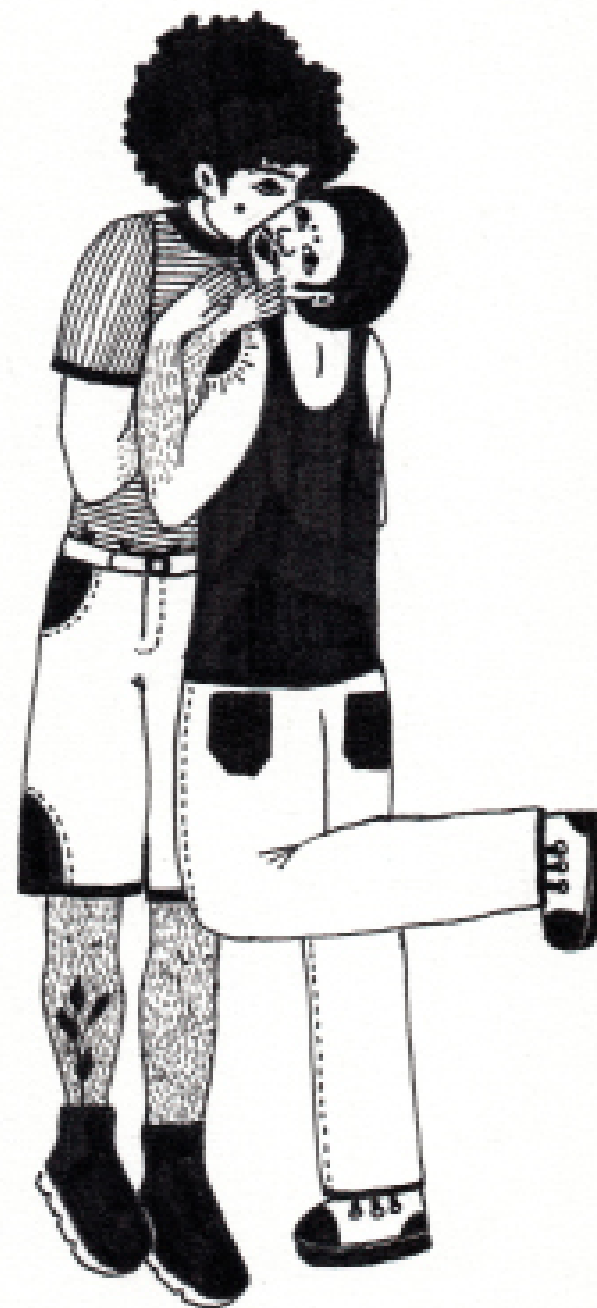
gay

Termo utilizado para se referir a homossexuais do gênero masculino, ou seja, homens que possuem atração romântica, emocional e/ou sexual por outros homens. O termo veio do inglês e originalmente não tinha relação com orientação sexual. Era um adjetivo que significava alegria, energia, jovialidade, mas, a partir de 1950, passou a ser utilizado com certa consistência para se referir à homossexualidade masculina.

No Brasil, a palavra já chegou com uma conotação identitária e muitas vezes até ofensiva. Foi só por meio do trabalho de ativistas políticos *gays* que a palavra foi sendo apropriada e ressignificada pela comunidade, chegando ao ponto de se tornar uma orientação sexual consolidada no imaginário nacional.

Curiosidade: Nos Estados Unidos, a palavra *gay* é utilizada para referir-se tanto a homossexuais masculinos quanto femininos. Entretanto, no Brasil, a divisão entre gays e lésbicas é bem mais consolidada. Isso se dá devido à necessidade das lésbicas demarcarem uma identidade diferente, uma vez que as pautas dos homens gays sempre se sobrepunham às pautas das mulheres lésbicas. Já que nos afirmamos por meio de nomes diferentes, por causa de vivências e demandas diversas, todos merecemos um espaço!

Indicação: Um dos filmes mais sensíveis do cinema nacional, “Hoje eu quero voltar sozinho”, narra a história da descoberta da homossexualidade e da vivência do afeto por um homem gay. O longa foi dirigido por Daniel Ribeiro e, se você ainda não assistiu, não perca a oportunidade de se apaixonar por essa história!



11. Gênero

gê-ne-ro

É o conjunto de aspectos sociais que, historicamente, define padrões de aparência, comportamentos e funções. Dentro da nossa sociedade, essa classificação se deu de maneira binária, ou seja, somos classificados como homens ou mulheres, tendo como base o sexo biológico. Exemplo: se uma pessoa grávida, ao descobrir que o sexo biológico do bebê é feminino, diz que espera que a criança seja doce, meiga e dançarina de balé, ela está apenas projetando sobre esse bebê um conjunto de características socialmente relacionadas à identidade feminina. Os gêneros representam divisões em todas as áreas: nas cores, nas vestimentas, nos esportes... E nada disso tem relação direta ou decorre do sexo biológico das pessoas, porque o nosso aparelho reprodutivo não define nossa perspectiva social.

Curiosidade: Na primeira década dos anos 2000, surgiu, nos Estados Unidos, a ideia de “Chá de Revelação” e logo virou febre no Brasil. Começou como uma evolução dos já tradicionais Chá de Bebê e Chá de Fraldas, mas com o acréscimo de que o sexo biológico do bebê, ainda desconhecido, será revelado para todos os presentes ao mesmo tempo. Esses eventos foram crescendo e hoje são inúmeras as formas e as propostas criativas de revelação. O que nem todo mundo percebe é que o Chá Revelação é, antes de tudo, a reafirmação de normas de gênero binárias e a perpetuação de estereótipos. Toda expectativa que se cria em torno do sexo é a exata representação dos papéis de gênero impostos às pessoas desde o nascimento.

Indicações: O filme com maior bilheteria no mundo em 2023 foi “Barbie”, o qual conta a história de quando a boneca deixa a Barbieland (a terra das Barbies) e parte rumo ao mundo real para entender um pouco mais sobre a felicidade. No mundo real, ela percebe, sem muita dificuldade, que os homens ocupam os melhores cargos, recebem os melhores salários e têm muito mais poder de decisão na sociedade do que as mulheres, ainda que isso não tenha qualquer explicação além do machismo e do patriarcado. De um jeito bem didático e divertido, o filme passeia por vários conceitos dessa discussão.



12. Gênero fluido

gê-ne-ro flui-do

Gênero fluido é uma identidade dentro do espectro não binário marcada pela fluidez entre gêneros. A fluidez vem da ideia de que a pessoa pode se identificar com um gênero em um momento e posteriormente com outro. No momento em que a pessoa flui, isso pode ser marcado por uma mudança na expressão e nos pronomes de preferência. Essas mudanças podem ser periódicas ou não, bem como rápidas ou lentas, porque cada pessoa tem uma experiência única. O termo é a tradução de *genderfluid*, palavra em inglês cujas primeiras aparições remontam à década de 1990.

Curiosidade: Vira e mexe, a identidade gênero fluido surge na mídia porque existem muitos artistas internacionalmente conhecidos que, em algum momento da vida, se declararam gênero fluido, como Miley Cyrus, Cara Delevigne, Ezra Miller (“As vantagens de ser invisível”, “Animais fantásticos e onde habitam”, “Liga da justiça”), Maisie Williams (“Game of Thrones”) e Emma Corrin (“The Crown”).

Indicação: Um dos vilões mais amados pelo público do Universo Marvel é gênero fluido. Conhecido por seu humor ácido e sua personalidade trapaceira, Loki foi ganhando maior visibilidade ao longo dos anos e hoje tem uma série própria no serviço de streaming Disney +. Em um dos vídeos de divulgação da série, Loki preenche um formulário e, em letras pequenas que quase passam despercebidas, seu gênero está descrito como “fluido”.



13. Heterossexualidade

he-te-ros-se-xu-a-li-da-de

Este termo faz referência à atração romântica, sexual e emocional entre indivíduos de gêneros opostos. Um homem heterossexual sente-se atraído por mulheres, ao passo que uma mulher heterossexual sente atração por homens.

Curiosidade: Por que algumas pessoas são heterossexuais? Não existe uma resposta simples para essa questão. Os especialistas consideram que a orientação sexual envolve uma mistura complexa de fatores biológicos, psicológicos e ambientais. Os cientistas acreditam ainda que a genética e os hormônios desempenham um papel importante. Em termos gerais, a orientação sexual não parece ser algo que uma pessoa possa escolher voluntariamente. É simplesmente uma parte natural de quem somos. Não há ninguém que possa dizer qual é a nossa orientação sexual, pois apenas nós mesmos podemos descobrir. Além disso, não precisamos nos sentir pressionados a nos atribuir um “rótulo”, como tendo essa ou aquela orientação sexual. Algumas pessoas descobrem a sua orientação sexual muito cedo e outras demoram algum tempo para perceber o que as faz sentir confortáveis.

Indicação: Você já pensou que pessoas trans também podem ser heterossexuais? A comédia romântica “E se?”, de 2022, mostra o florescer de um romance adolescente entre Kelsa, uma garota trans que divide suas experiências e suas inseguranças na internet, e Khal, um menino que não consegue ter iniciativa romântica na própria vida, mas está sempre em fóruns na internet dando dicas de relacionamento para outras pessoas.



A orientação sexual é simplesmente uma parte natural de quem somos

14. Heteronormatividade

he-te-ro-nor-ma-ti-vi-da-de

É a perspectiva social que impõe os papéis de gênero binários às pessoas, definindo como devem organizar as suas vidas e os seus comportamentos a partir de um padrão. É justamente como se a heterossexualidade fosse uma norma à qual as pessoas são forçadas a se encaixar e as que não se encaixam são marginalizadas. Pessoas de orientações não-heterossexuais muitas vezes reproduzem comportamentos heteronormativos, pois são ensinadas que essa é a única forma correta de ser.

Curiosidade: A heteronormatividade é uma lógica tão absorvida pelas pessoas que costuma ser reproduzida até mesmo por pessoas LGBTQIAPN+ e por aqueles relacionamentos não-heterossexuais. Isso acontece porque é comum que essas pessoas busquem construir expressões de gênero extremamente alinhadas ao que se espera de pessoas heterossexuais e, além disso, reproduzam os formatos, as dinâmicas e as estruturas das relações heterossexuais. Essa perspectiva social não está só em quem pergunta a casais gays “quem é a mulher da relação”, mas também nos casais formados por dois homens ou duas mulheres que, mesmo inconscientemente, importam práticas dos relacionamentos heterossexuais, como a divisão do trabalho de casa, o machismo, a masculinidade tóxica e a violência doméstica.

Indicação: O filme “C.R.A.Z.Y. – Loucos de Amor”, de 2005, retrata a trajetória de vida de um adolescente que não se encaixa nos ideais da família de como um homem deveria se comportar. Seus pais não entendem suas roupas e a forma como ele se comporta, por isso o jovem tem medo de como isso vai ser visto pelo mundo, o que acaba gerando conflitos entre a família e tendo consequências de longa duração.



15. Homossexualidade

ho-mos-se-xu-a-li-da-de

Atração afetiva, emocional e sexual por pessoas do mesmo gênero. Exemplo: homens atraídos por homens ou mulheres atraídas por mulheres.

Curiosidade: Por mais que a homossexualidade não seja considerada uma doença pela Organização Mundial de Saúde (OMS) desde 1990, ainda hoje existem debates acerca da “cura gay”, também conhecida como “terapia de conversão”. Por mais que a terapia de conversão seja proibida pelo Conselho Federal de Psicologia (CPF), muitas instituições religiosas e muitos profissionais antiéticos ofertam esse serviço. Entretanto lembremos: a homossexualidade não é doença, mas sim uma orientação. Não há cura para quem não está doente.

Indicação: Um documentário que ilustra o histórico da luta de homossexuais contra o processo de patologização é “Cured” (2020), mostrando, a partir dos próprios ativistas, as táticas utilizadas pelo movimento para organizar um levante contra as instituições médicas nos anos 1960 e 1970.

Não há cura para quem não está doente.

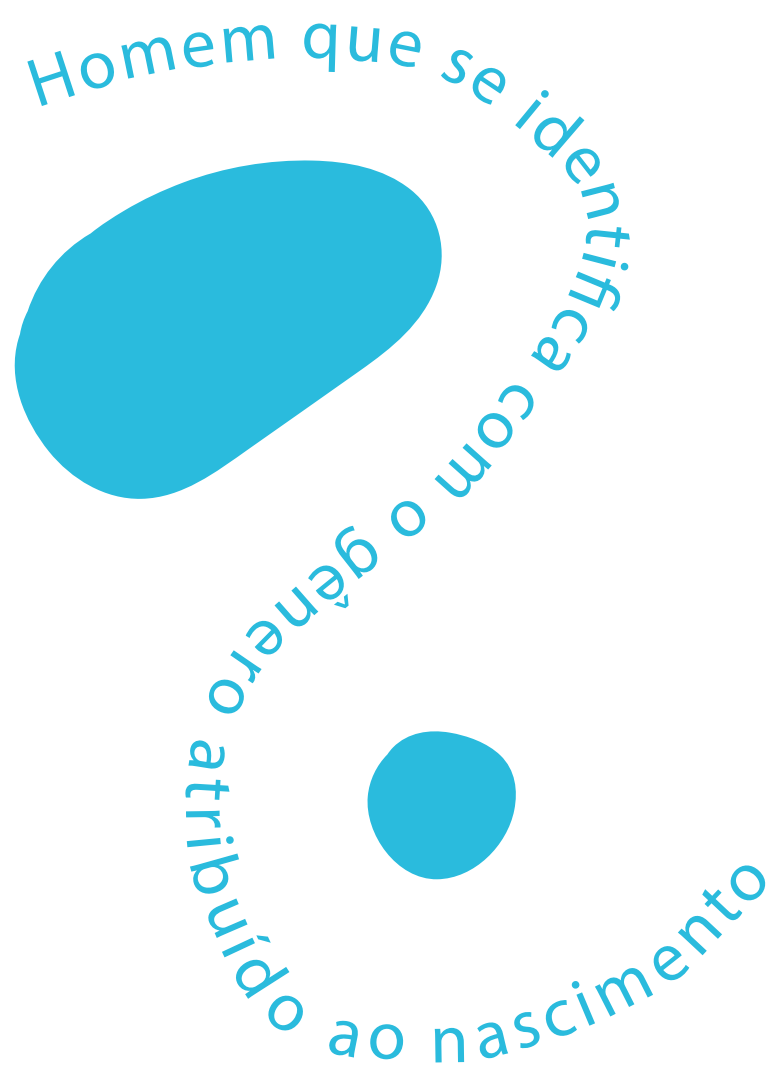
16. Homem cis

ho-mem cis

Homem que se identifica com o gênero atribuído no nascimento. Em outras palavras, são pessoas nascidas com pênis que se identificam como homens e também tendem a reproduzir o padrão normativo de atitudes e comportamentos que a sociedade espera do gênero masculino. Um homem cis pode ser gay, bissexual, pansexual, assexual ou hétero.

Curiosidade: Historicamente aqueles que são designados “homens” ao nascer, simplesmente pelas suas características biológicas do sexo masculino, possuem privilégios. O privilégio masculino pode ser marcado por fatores econômicos (homens que recebem salários superiores que mulheres por fazerem a mesma função), culturais (sobrevalorização de características atribuídas ao masculino em detrimento das femininas) e sociais (obtenção de bolsas de estudos e promoções no trabalho).

Indicação: Já pensou no que quer dizer ser homem na sociedade em que vivemos hoje? O documentário *The mask you live in* nos leva a refletir sobre o futuro da masculinidade. Como queremos que a nova geração veja o que é ser homem? Como crescer com uma masculinidade saudável?



17. Homem trans

ho-mem trans

É uma pessoa que foi designada ao gênero feminino no nascimento, em função da sua genitália, mas que se identifica com o gênero masculino. No entanto, não é a única identidade trans ligada à masculinidade. Existem pessoas que não gostariam de ser chamadas de “homens trans”. Essas se identificam como pessoas “transmasculinas”.

Curiosidade: BENJAMÍN (assim mesmo, escrito em maiúsculo) é o primeiro homem trans a ser o protagonista de uma série integralmente gravada e produzida no Brasil. O ator realizou sua transição de gênero durante a pandemia de Covid-19 e compartilhou todo o seu processo em suas redes sociais.

Indicação: A série estrelada por BENJAMÍN, “B.A. – o futuro está morto”, possui uma narrativa construída em cima de um futuro distópico, girando em torno de temas como o afeto, o relacionamento líquido entre os jovens e a industrialização descontrolada no Brasil. Ela é uma adaptação da história em quadrinhos *O beijo adolescente*, de Rafael Coutinho, e pode ser vista na plataforma de streaming Max.



18. Homofobia

ho-mo-fo-bi-a

É todo ato de preconceito contra pessoas em razão da homossexualidade. Embora a ideia de que “homofobia é errado” seja algo que todos já ouvimos, será que entendemos realmente o que é a “homofobia”? Para muitos, homofóbicos são aqueles que batem, ofendem, expulsam e excluem pessoas por causa de sua orientação sexual, mas será que não existem outras práticas que também são homofóbicas e ainda passam despercebidas?

A homofobia também ocorre quando alguém associa um comportamento mal visto pela sociedade como “coisa de viado”, ou quando representa pessoas que sentem atração pelo mesmo gênero por meio de estereótipos simplistas e de ridicularização, ou mesmo quando só frequenta espaços de socialização que não possuem gays ou lésbicas.

Curiosidade: “Homofobia internalizada” é um termo criado pela comunidade LGBTQIAPN+ para falar de pessoas de dentro da comunidade que praticam homofobia com seus pares e até mesmo consigo. Esse termo muitas vezes dificulta os processos de autodescoberta, a livre vivência da própria sexualidade e a construção de afetos com outras pessoas LGBTQIAPN+.

Indicação: Os filmes nos dão bons exemplos de como essas jornadas contra a homofobia se estabelecem. Vão de clássicos como “Nunca fui santa” (1999), que faz uma sátira com as terapias de conversão, até “A festa de formatura” (2020) e “Todos estão falando sobre Jamie” (2021), que mostram as dinâmicas de homofobia nas escolas.

Será que não existem outras práticas que também não são homofobia e ainda passam despercebidas?

19. Identidade de gênero

i-den-ti-da-de de gê-ne-ro

Refere-se ao gênero com o qual a pessoa se identifica, que pode ou não corresponder ao gênero a ela atribuído no nascimento. É, portanto, uma questão individual e subjetiva, que nada tem a ver com seu corpo ou com a expectativa que a sociedade tem sobre ele. Refere-se apenas à forma como cada pessoa se sente, se enxerga e se reconhece.

Curiosidade: O direito à identidade de gênero ainda é uma discussão muito importante em nossa sociedade. Como muitos espaços públicos ainda são gênero-específicos, ou seja, separados entre masculinos e femininos, é necessário que as pessoas possam frequentar os espaços adequados ao gênero com o qual se identificam, uma vez que essas limitações produzem violências institucionais que excluem e marginalizam identidades dissidentes.

Indicação: Às vezes, é difícil entender os diferentes atravessamentos que uma pessoa pode ter. A identidade de gênero, a orientação sexual e a expressão de gênero são elementos que se confundem no discurso cotidiano e que precisam passar por um processo de diferenciação para que possamos entender como as pessoas se veem. Para isso, alguns recursos pedagógicos foram criados para facilitar essa compreensão, como o “biscoito do gênero” que é uma forma lúdica de ilustrar a forma como entendemos nosso próprio corpo e nossa identidade.



20. Intersexual

in-ter-se-xu-al

São aquelas pessoas cujas características sexuais não se apresentam dentro do padrão estabelecido como masculino e feminino. É o que antes as pessoas chamavam de hermafroditas. As pessoas intersexuais podem possuir alterações cromossômicas. Ao invés dos famosos XX e XY, apresentam configurações como XXY, XYY, XXX ou até mesmo só X. Além disso, possuem alterações hormonais em que os genes se expressam de forma alternada, como pessoas que possuem cromossomos XX e todas as características secundárias sexuais tipicamente masculinas e alta produção de testosterona. Também podem apresentar alterações genitais, nas quais há uma formação mista dos sistemas, uma vez que pessoas podem possuir um sistema tipicamente feminino e, ao invés de ter ovários, possuir testículos internos.

Curiosidade: Uma das grandes bandeiras da intersexualidade é relativa às cirurgias realizadas em crianças intersexo no nascimento. A prática médica de “normalizar” os aparelhos sexuais/reprodutivos das crianças muitas vezes tem consequências permanentes durante toda a vida da pessoa, que vão desde a infertilidade e a ausência de prazer sexual até mesmo a discordância entre o sexo escolhido pelo profissional médico e a identidade de gênero. Pessoas intersexuais clamam pelo direito de poderem decidir sobre seus próprios corpos.

Indicação: A influencer digital Karen Bacchini assumiu ser uma pessoa intersexual em 2023, depois de um longo histórico de investigação médica, desinformação e violência. Isso a levou a produzir o vídeo “Eu sou intersexo”, em que compartilha um pouco da sua experiência com o tema.



21. Pessoa não binária

pes-so-a não bi-ná-ria

Pessoa não binária é quem não se identifica dentro da binariedade de gênero, ou seja, não se reconhece como homem ou mulher. Esse é um termo “guarda-chuva” que engloba uma multiplicidade de identidades, como pessoas agêneras, bigêneras, fluidas... Tudo o que ultrapassa a binariedade é uma possibilidade - e são inúmeras.

Curiosidade: Por mais que a não-binariedade possa soar moderna, diversas sociedades possuíam algo que poderia ser compreendido como “o terceiro gênero”, algo que era impossível de ser compreendido como masculino ou feminino. É o caso dos dois-espíritos dos povos indígenas da América do Norte, dos Hijras na Índia e dos Mahu no Haváí. Todas são identidades com grande importância social e religiosa para esses povos.

Indicação: Um documentário que perpassa a descoberta de um jovem enquanto não binário é o longa “Limiar” (2020), da diretora Coraci Ruiz. A obra documenta a jornada de seu filho adolescente enquanto ele navega pelas possibilidades do gênero até se entender, posteriormente, como uma pessoa não binária.



22. Lésbica

lés-bi-ca

O termo “lésbica” é utilizado para designar mulheres que se relacionam afetiva e sexualmente com outras mulheres. A palavra vem do latim *les-bius* e originalmente se referia apenas aos habitantes da ilha de Lesbos, na Grécia. A ilha foi um importante centro cultural onde viveu a poetisa Safo, entre os séculos VI e VII a.C. era muito admirada por seus poemas sobre amor e beleza, em sua maioria dirigidos às mulheres. Por essa razão, o relacionamento sexual entre mulheres passou a ser conhecido como lesbianidade ou safismo. Até o século XIX, a palavra lésbica não tinha o significado que hoje lhe é dado.

Curiosidade: A Segunda Guerra Mundial foi um período em que as normas sociais ficaram um pouco mais frouxas em países que enviavam seus exércitos para a guerra devido à necessidade de mulheres terem que trabalhar ou servir ao exército, na ausência de homens. Isso fez com que mulheres que não se conformavam com as normas de gênero em geral – muitas vezes, lésbicas – estivessem mais livres para viver suas vidas. Entretanto, após a guerra, a pressão social para que os países voltassem a ser os mesmos de antes, junto com a pressão anticomunista, fizeram com que a cultura LGBTQIAPN+ voltasse a ser mais escondida.

Indicação: Um filme brasileiro que retrata a identidade lésbica é “Flores Raras” (2013), explora a relação real entre Elizabeth Bishop (poeta estadunidense) e Lota Soares (arquiteta brasileira), que viveram um romance conturbado nos anos 1950 e 1960.



23. Lesbofobia

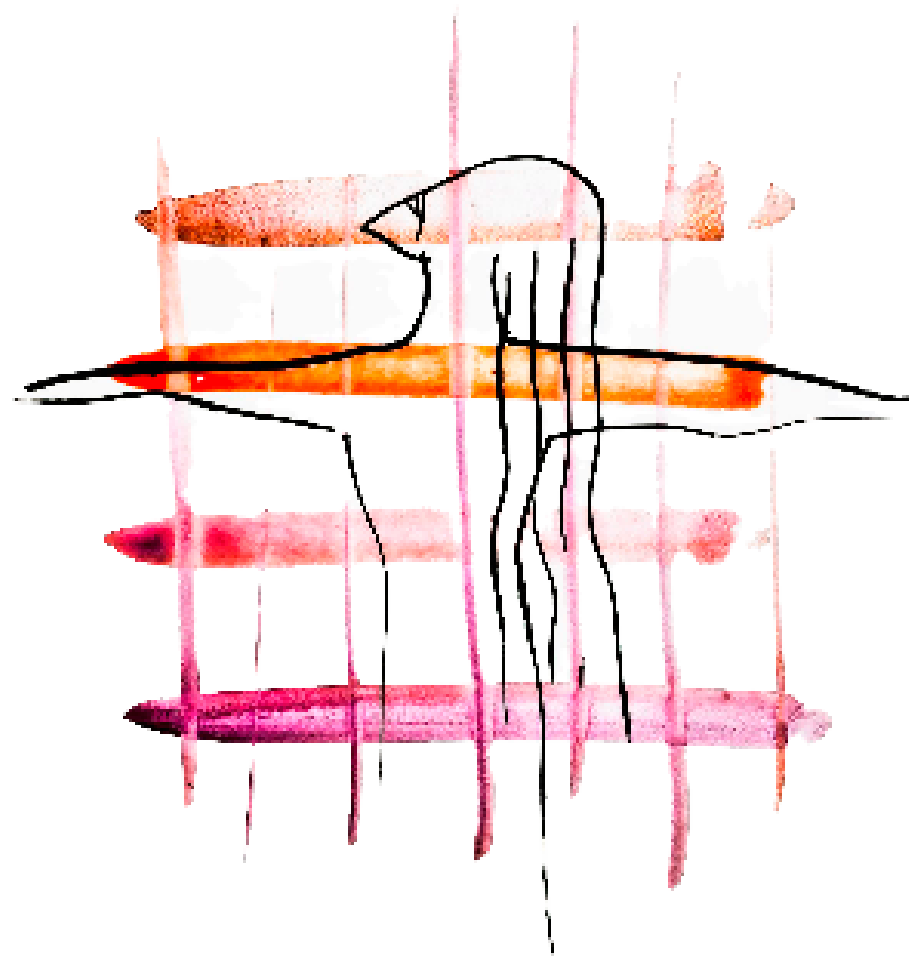
les-bo-fo-bi-a

É toda a violência motivada pela presunção ou evidência de uma identidade lésbica. Por algum tempo, homofobia era a única palavra conhecida pelo público em geral para se referir ao preconceito e à violência dirigidos às pessoas LGBTQIAPN+. No entanto, com o tempo, entendeu-se que a violência direcionada a certos grupos vinha com suas especificidades, tanto na forma como se dá, quanto na forma como é justificada.

Por se entender que a violência direcionada às mulheres lésbicas passa tanto pela homofobia quanto pelo fato de serem mulheres e a sofrerem junto ao machismo, criou-se o termo lesbofobia. Esse atravessamento diz respeito também sobre o quão visíveis as situações de violência são, a depender de a quem ela se dirige. Casos de lesbofobia são bem menos comuns na mídia, o que torna as particularidades dessa forma de violência pouco conhecidas.

Curiosidade: Você já ouviu falar do Levante do Ferro's Bar? No dia 19 de agosto de 1983, em plena Ditadura Militar, o Grupo Ação Lésbica Feminista tomou as ruas de São Paulo em protesto. Motivadas por um ato de censura e violência realizado pelo dono do Ferro's bar, organizaram uma manifestação contra as expulsões e a violência promovida em espaços de socialização. Por causa desse marco histórico, o dia 19 de agosto é conhecido nacionalmente como o Dia do Orgulho Lésbico.

Indicação: Quer saber mais sobre essa história? Lançado em 2022, o documentário "Ferro's Bar" mostra o evento pelos olhos dos frequentadores do estabelecimento, reconstruindo esse momento histórico na luta por direitos da população LGBTQIAPN+.



24. LGBTfobia

lgbt-fo-bi-a

Podemos entender LGBTfobia como um termo que tenta abarcar todas as manifestações de ódio e violência motivadas pela suposição da identidade de gênero ou pela sexualidade da vítima. Nesse sentido, a violência LGBTfóbica pode se manifestar de diferentes formas (violência física, moral, psicológica, patrimonial e sexual), podendo ser disseminada por indivíduos, grupos, instituições ou até mesmo pelo Estado.

Enquanto o termo LGBTfobia é utilizado como uma tentativa de unificar as vivências da comunidade LGBTQIAPN+ dentro de um mesmo “guarda-chuva”, é necessário compreender que existem diferenças nas formas com que a violência aparece para as diferentes identidades da sigla. Então, em muitas situações, os termos específicos homofobia, bifobia, transfobia e lesbofobia ainda são mais adequados.

Curiosidade: No Brasil, desde 2019, a LGBTfobia foi criminalizada por decisão do Supremo Tribunal Federal (STF), o que dá às pessoas LGBTQIAPN+ ferramentas para enfrentarem a violência de forma institucional. Se você já vivenciou ou já presenciou situações de violência LGBTfóbica, é importante denunciar!

Indicação: Para saber um pouco mais sobre as vivências de LGBTfobia nas escolas, assista ao documentário “Depois da Tempestade” (2018).



25. LGBTQIAPN+

l-g-b-t-q-i-a-p-n+

Essa é uma sigla que visa representar os movimentos das minorias sexuais e de gênero, estigmatizados pela nossa sociedade, que dizem muito sobre identidade, respeito e visibilidade. Ela é uma construção histórica que guarda a memória de muitos debates e muitas reflexões. Funciona mais ou menos assim: “L” de lésbica; “G” de gay; “B” de bissexual; “T” de trans e travesti; “Q” de queer; “I” de intersexual; “A” de assexual; “P” de pansexual; “N” de não binário e o “+” representa todas a pluralidades que ainda possam existir no campo da sexualidade e dos gêneros divergentes. LGBTQIAPN+ é uma grande designação que pode referir-se a qualquer pessoa que não se enquadre no padrão social de gênero, orientação sexual ou características sexuais. Ufa... captou aí? Ah! O significado de cada letrinha separada dessa sigla você pode encontrar nos verbetes que estão neste dicionário. A designação LGBTQIAPN+ não quer somente enquadrar as pessoas em caixinhas e classificações, mas também funcionar como um instrumento fundamental de inclusão e compreensão da pluralidade humana.

Curiosidade: Sabia que essa grande sigla, que hoje consegue contemplar uma maior diversidade de existências, nem sempre teve esse tamanho todo? Pois é... Ela é resultado de uma construção histórica, como já falamos no verbete e nasce dos primeiros movimentos dessa população. A primeira sigla a se popularizar foi GLS (gays, lésbicas e simpatizantes), sendo utilizada para fazer referência aos espaços frequentados pela comunidade. Na sequência, a partir das reivindicações e dos debates que seguiram, incorporou-se a letra “T”, alterando a sigla para GLT (gays, lésbicas e transexuais). Posteriormente, a partir de demandas da comunidade bissexual, inseriu-se o “B”, ficando GLBT. Após muitas lutas das

mulheres lésbicas, a comunidade passou a considerar o “L” como primeira designação da sigla, invertendo a ordem da sua expressão para: LGBT. Depois disso, houve momentos e situações em que três “Ts” foram adotados para expressar cada possibilidade dessa letra (transexuais, transgêneros e travestis), ficando LBTTT; o “+” foi acrescido para representar as populações que ainda não tinham sido contempladas na sigla, sendo essa, inclusive, a designação oficialmente adotada pelo poder público até o momento (LGBT+). Em seguida, houve o acréscimo das demais letras devido à demanda dessas populações (LGBTQ; LGBTQI; LGBTQIA+ e outras) até se consagrar a grande sigla LGBTQIAPN+.

Indicação: O influenciador Vítor diCastro mantém um canal no YouTube em que trata, principalmente, de assuntos relacionados à diversidade sexual e à diversidade de gênero, com linguagem divertida e acessível. Um dos seus vídeos, “O que significa LGBTQIAPN+”, traz de forma amigável uma explicação sobre cada letra que compõe a sigla. Você pode acessar esse material pelo QR Code abaixo.

Assista em:



A designação LGBTQIAPN+, para além de querer não somente enquadrar as pessoas em caixinhas e classificações, funciona como um instrumento fundamental de inclusão

26. Masculinidade tóxica

mas-cu-li-ni-da-de tó-xi-ca

Podemos entender a masculinidade como um conjunto de valores, comportamentos e atributos estéticos associados aos homens em uma determinada sociedade. Nesse sentido, é interessante observar que a noção de masculinidade se altera dependendo do momento histórico, do espaço geográfico e do cenário cultural em que se encontra. É só ver os quadros dos livros de história e ver como muitos atributos vistos como femininos (maquiagem, sapatos com salto e perucas longas) eram utilizados por homens importantes do século XVII. Dito isso, muitos comportamentos que hoje são vistos como masculinos estão produzindo sofrimento para toda a sociedade. A “masculinidade tóxica” se reafirma por meio da violência de gênero, da competição, da intolerância, da repressão de sentimentos e da ausência de cuidados com a própria saúde física e mental. Esses ideais de masculinidade são tóxicos, pois levam à violência doméstica, às brigas de trânsito, à depressão, ao suicídio e a uma série de outras violências que são perpetuadas em nome do “ser homem”.

Curiosidade: Se a masculinidade é parte do processo de violência doméstica, ela também precisa ser levada em consideração na estruturação de soluções! Em alguns presídios no Brasil, homens que foram condenados por crimes de violência contra a mulher precisam passar por grupos reflexivos de gênero, os quais são espaços de diálogo aberto em que os autores de violência são convidados a refletir sobre suas ações a partir da perspectiva de gênero, com o objetivo de produzir masculinidades mais saudáveis e não dar continuidade aos processos de violência doméstica.

Indicação: O documentário O silêncio dos homens (2016) reflete sobre essas e outras consequências da masculinidade tóxica para os próprios homens e está disponível no YouTube.

Assista em:



A “masculinidade tóxica” é essa que se reafirma por meio da violência de gênero, da competição, intolerância, da repressão de sentimentos e da ausência de cuidados com a própria saúde física e mental.

27. Mulher cis

mu-lher cis

Pessoa que foi designada como mulher ao nascer que se identifica como tal. Em outras palavras, pessoa nascida com vulva e vagina que se identifica como mulher e que também tende a reproduzir o padrão normativo de atitudes e comportamentos que a sociedade espera do gênero feminino.

Curiosidade: Simone de Beauvoir tem uma obra extensa analisando como o homem sempre foi a norma e a mulher o “outro”. Enquanto o homem era o representante da sociedade, sinônimo de humanidade e figura máxima inclusive na crença e na fé, a mulher era descrita (por homens) como um ser naturalmente inferior, um homem mutilado, um homem que deu errado na gestação, um ser pouco capaz de pensar e raciocinar, mas naturalmente apto para parir, saciar prazeres sexuais e fazer trabalho doméstico não remunerado.

Indicação: Mas e o feminismo? Ele é uma coisa de mulheres cis? Há muitas diferenças entre as mulheres, no entanto todas elas merecem seu espaço no feminismo. É isso que nos lembra a autora Bell Hooks em um de seus livros mais famosos: Feminismo é para todas.



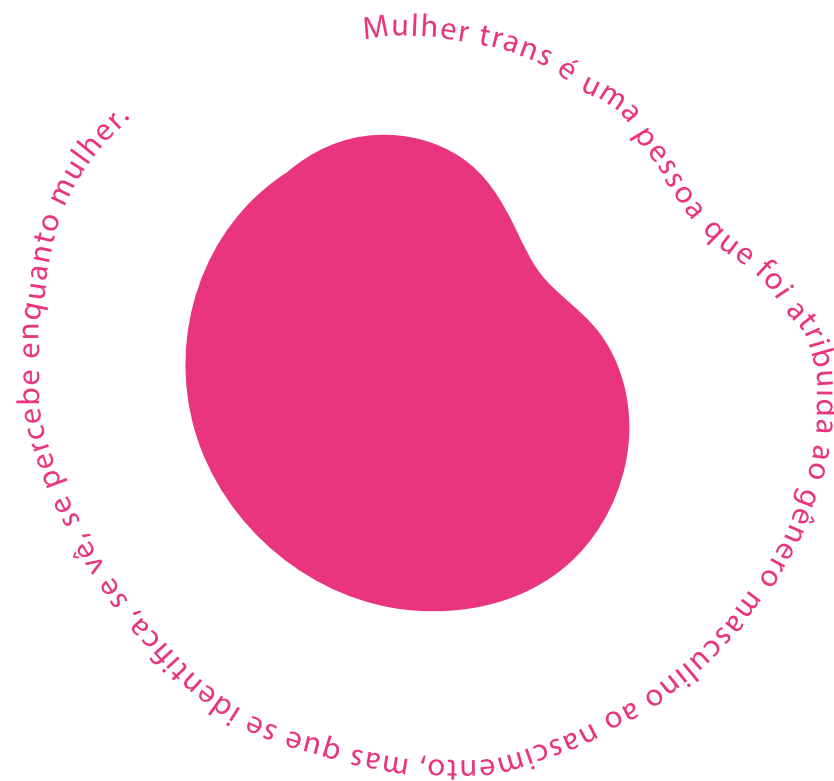
28. Mulher trans:

mu-lher trans

Mulher trans é uma pessoa que foi atribuída ao gênero masculino no nascimento, em função da sua genitália, mas que se identifica, se vê e se percebe como mulher.

Curiosidade: A cartunista Laerte Coutinho, hoje bastante conhecida e reconhecida como mulher trans, vivenciou o início da sua transição de gênero com mais de 50 anos de idade. O marco público da sua transição de gênero como pessoa famosa foi uma entrevista que ela concedeu em 2010 à revista Bravo!

Indicação: O documentário brasileiro *Laerte-se*, dirigido por Lygia Barbosa e Eliane Brum, retrata a vida da cartunista Laerte Coutinho. Sua trajetória pessoal é marcada pela transição da identidade masculina, vivida pela artista por décadas, até o seu autorreconhecimento como mulher trans. O filme explora os limites do masculino e do feminino, bem como o processo pessoal de construção da identidade de gênero vivenciado pela artista temas que são colocados lado a lado com a carreira de sucesso construída por Laerte ao longo de seus mais de 60 anos.



29. Orientação sexual

o-ri-en-ta-ção se-xu-al

Diz respeito à atração que uma pessoa sente por outra, ou seja, a direção ou a inclinação do desejo afetivo e sexual de cada um. Assim, no caso de um indivíduo que se atrai por pessoas do gênero oposto, falamos que ele é heterossexual. Se a atração é por aqueles do mesmo gênero, sua orientação é homossexual. Há também aqueles que se interessam por indivíduos de mais de um gênero: os bissexuais; aqueles que sentem pouca ou nenhuma atração sexual são assexuais e aqueles que sentem atração independentemente do gênero são pansexuais.

Curiosidade: O termo “orientação sexual” tem sido utilizado nos últimos anos ao invés de “opção sexual”, pois a ideia de “opção” transmite a compreensão de que a pessoa escolheu sentir o desejo que sente e, portanto, poderia ter optado por ser heterossexual.

Indicação: Já pensou como é o processo de alguém que entende que sua orientação sexual não é heterossexual? O escritor brasileiro Vitor Martins tenta exemplificar isso em seu livro *Um milhão de finais felizes*, a partir da história de Jonas, um jovem que começa a entender a sua orientação sexual ao conhecer Arthur.



30. Pansexualidade

pan-se-xu-a-li-da-de

O termo pansexual é composto pelo prefixo “pan”, que significa “tudo” e a palavra sexualidade, que abrange vivências e identidades sexuais. Portanto se trata de uma pessoa que se atrai por todos os gêneros. Em outras palavras, refere-se à orientação afetiva e sexual na qual uma pessoa se atrai por outras independentemente do gênero. O gênero não é visto como um fator decisivo para que a pessoa pansexual se atraia por alguém. A falta de informação e o preconceito geram pensamentos estereotipados e errôneos, como a noção de que o pansexual sente-se atraído por objetos, animais ou crianças, o que não é verdade!

Curiosidade: Mas e aí, qual a diferença entre bissexuais e pansexuais? A diferença é mais histórica do que conceitual!

Tanto bissexuais quanto pansexuais podem sentir-se atraídos por pessoas de todas as identidades de gênero. No entanto, o termo bissexual começou a ser utilizado para fazer referência à uma orientação sexual nos anos 1970, já o uso do termo pansexual data da década de 1990. Sendo assim, cada orientação sexual possui uma narrativa histórica e política que marca sua utilização, cabendo a cada um escolher como gostaria de ser identificado.

Indicação: Para aqueles que gostam de super-heróis e quadrinhos, já ouviram falar do anti-herói Deadpool? O personagem famoso das histórias em quadrinhos, e mais recentemente das telinhas de cinema, tem um longo histórico de atração por homens, mulheres e pessoas não binárias. Foi oficializado em 2013, quando o roteirista Gerry Duggan veio a públi-



3 1. Queer

queer

Termo de língua inglesa que era utilizado usualmente para categorizar indivíduos ou comportamentos como “estranhos” ou “excêntricos”, mas que não tinha necessariamente uma conotação negativa até o século XIX. Nesse período começou a ser utilizada para ofender pessoas que não se encaixavam nos ideais de gênero e sexualidade da época.

Na década de 1980, muitos ativistas LGBTQIAPN+, tentando dar mais radicalidade ao movimento, começaram a se nomear “queers”. Hoje, queer é utilizado como um termo “guarda-chuva”, que tenta abarcar todas as identidades que se distanciam da heterossexualidade e da cisgeneridade.

Curiosidade: Se queer tenta abarcar outras identidades que já estão representadas na sigla, por que usamos o “Q” em LGBTQIAPN+? Muitas pessoas sentem que queer é um termo mais confortável para se definir justamente por sua flexibilidade. Como queer só significa um distanciamento da norma, o termo não é uma identidade fixa que possui uma descrição facilmente definida. Pessoas que estão em um processo de auto-descoberta ou que não se sentem confortáveis com a rigidez de algumas posições preferem identificar-se somente como queers.

Indicação: Quer conhecer um pouco sobre os movimentos sociais que deram origem à terminologia queer? Por que não assistir ao filme *Orgulho e Esperança*, de 2014? Lá é possível entender um pouco sobre as movimentações políticas que deram origem a muito do que hoje compreendemos como movimentos LGBTQIAPN+.



32. Redesignação de gênero

re-de-sig-na-ção de gê-ne-ro

É como nos referimos ao conjunto de processos cirúrgicos, estéticos e de hormonização utilizados para que pessoas trans e travestis possam adquirir características estéticas associadas ao gênero com o qual se identificam. Os procedimentos que serão incluídos no processo de redesignação dependem das metas individuais da pessoa que se submete ao processo, assim como depende das possibilidades dos equipamentos e dos serviços médicos que as atendem.

Enquanto as cirurgias são de extrema importância para diversas pessoas trans, a realização desses procedimentos não é necessária para a afirmação dessa identidade. Algumas pessoas trans não sentem a necessidade de alterar seus corpos cirurgicamente, já outras se sentem mais confortáveis após realizar os processos de afirmação de gênero.

Curiosidade: A primeira cirurgia de redesignação sexual no Brasil foi realizada em 1971 para a paciente Waldirene, pelo médico Roberto Farina. O médico foi perseguido e processado judicialmente por seu pioneirismo. Ele foi defendido pela própria paciente, que afirmava se sentir muito mais livre e feliz depois da cirurgia. Somente 26 anos depois de Waldirene, já em 1997, que o Conselho Federal de Medicina autorizou a realização da cirurgia em território nacional e a prática revolucionária do médico foi reconhecida.

Indicação: Um filme que retrata os primórdios da redesignação sexual é o aclamado Garota Dinamarquesa, de 2015, que narra a história de Lili Elbe, a primeira mulher trans que temos notícia que passou por uma cirurgia de afirmação de gênero.

Algumas pessoas trans não sentem a necessidade de alterar seus corpos cirurgicamente, já outras sentem-se mais confortáveis em seus corpos após realizar os processos de afirmação de gênero.

33. Sexo biológico

se-xo bi-o-ló-gi-co

Não estamos falando apenas dos órgãos genitais, mas sim de todo o conjunto de características ligadas ao sistema reprodutivo: cromossomos sexuais, expressão hormonal, caracteres sexuais secundários e genital. Temos o sexo masculino, que envolve cromossomos sexuais XY, alta produção de testosterona, pênis, testículo, próstata etc. e, o sexo feminino que possui cromossomos sexuais XX, alta produção de estrogênio e progesterona, vulva, vagina, clítores, útero, ovários etc. Também temos pessoas intersexo, que nascem com essas características fora do padrão masculino e feminino do sexo biológico.

Temos que ter cuidado ao usar “sexo” e “gênero”: “sexo” refere-se à divisão biológica em macho e fêmea, e “gênero” é uma construção cultural que associa comportamentos, atributos, características psicológicas, entre outras, a cada um dos sexos.

Curiosidade: Nem todos os animais têm seus sexos determinados por fatores genéticos. Alguns répteis, como jacarés e tartarugas, têm o sexo de seus filhotes determinado pela temperatura do ambiente em que o ovo fica incubado.

Indicação: Será que a ideia de sexo é tão simples quanto fazemos ela parecer que seja? A cientista e psicóloga Cordelia Fine vem desafiando as ideias tradicionais de sexo biológico em seu livro *Testosterona Rex*, propondo desconstruir ideias sobre sexo não tão produtivas como a ciência perpetuou.



34. Transfobia

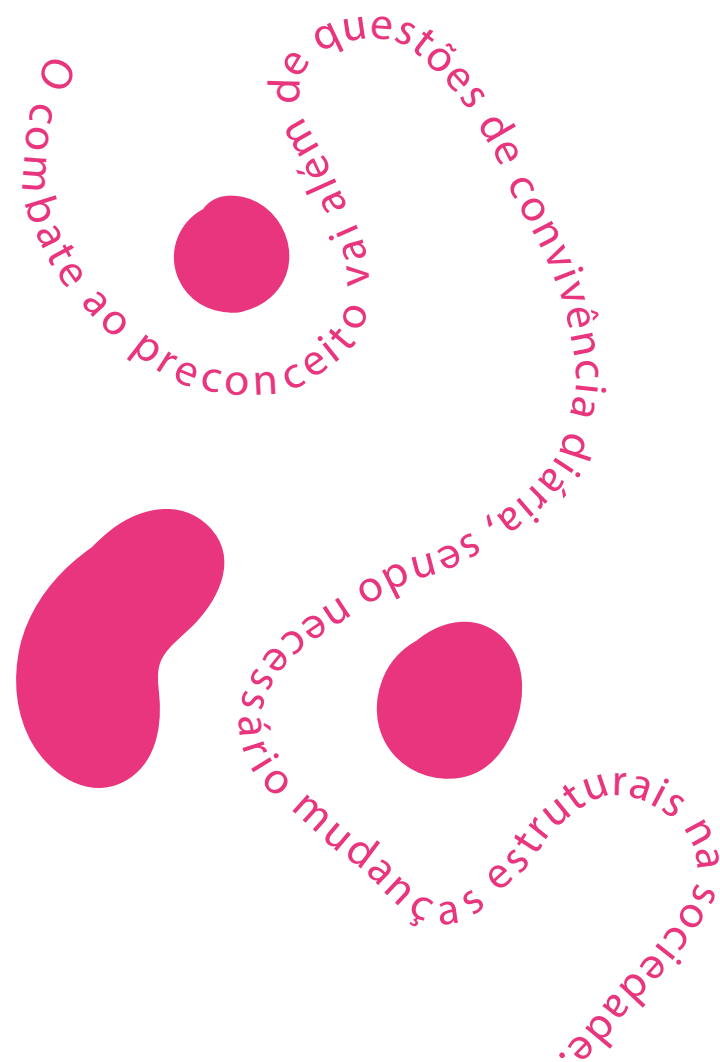
trans-fo-bi-a

É o ódio, a violência e o preconceito direcionados às pessoas trans e travestis. Esse fenômeno tem muitas faces e pode vir de pessoas, instituições e até mesmo por meio de leis e governos de um país. As consequências da transfobia envolvem questões como a dificuldade de inserção no mercado de trabalho formal, barreiras de acesso aos serviços de saúde, o alto índice de evasão escolar motivado pela violência e a falta de apoio familiar.

O respeito ao nome social, aos pronomes de escolha e à identidade de gênero das pessoas trans são formas de diminuir os impactos da transfobia na sociedade. No entanto, o combate ao preconceito vai além de questões de convivência diária, sendo necessárias mudanças estruturais na sociedade.

Curiosidade: A transfobia precisa ser combatida também no cenário político! Em 1992, Kátia Tapety fez história ao ser a primeira mulher trans eleita para um cargo político no país. Vereadora por três mandatos no município de Colônia do Piauí, a travesti abriu portas na política brasileira para a participação de pessoas trans na política.

Indicação: Dois filmes brasileiros recentes protagonizados por duas jovens atrizes trans e que retratam vivências de transfobia nas escolas são: “Alice Júnior” (2019), com Anne Celestino, e “Valentina” (2020), com Thiessa Woinbackk.



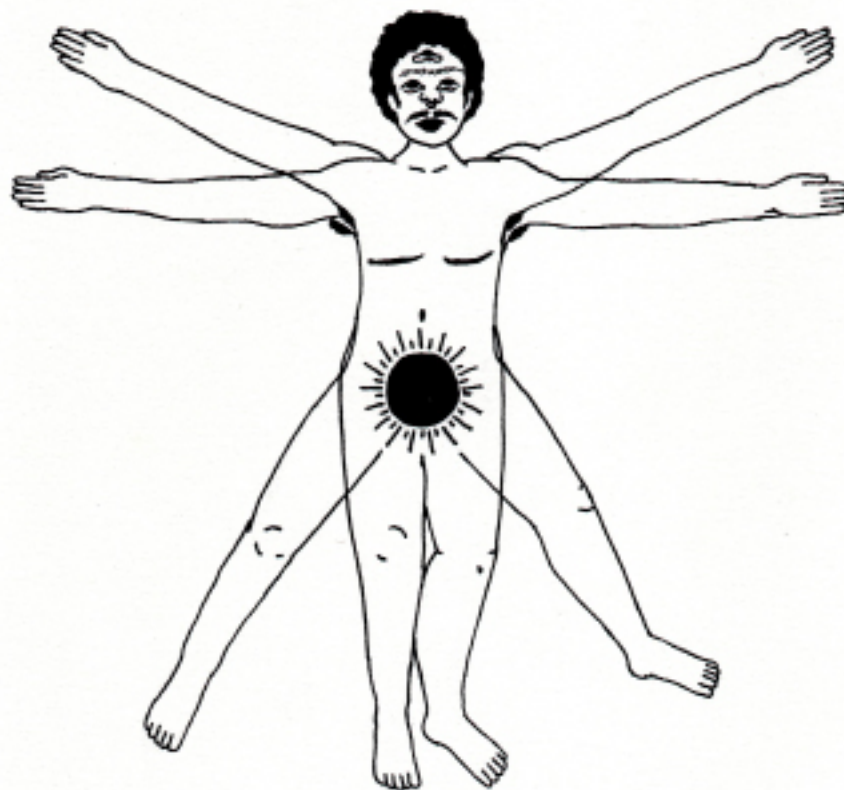
35. Transgênero

trans-gê-ne-ro

Pessoa que possui uma identidade de gênero diferente daquela que lhe foi designada ao nascer. O termo serve como “guarda-chuva” para identidades como trans, transexual, travesti, não binário, agênero e bigênero. Ser transgênero não define uma categoria de pessoas portadoras de sofrimento psíquico, não correspondendo, tampouco pouco, a uma situação patologizante. É um termo oposto ao cisgênero e diz respeito às pessoas de “identidades divergentes”.

Curiosidade: A cantora e compositora Liniker foi a primeira artista brasileira transgênero a vencer uma premiação do Grammy Latino. Sua premiação aconteceu na categoria de melhor álbum de música popular brasileira no ano de 2022.

Indicação: Para conhecer mais sobre o trabalho da Liniker, a dica é ouvir seu álbum *Indigo Borboleta Anil*, que foi justamente o trabalho vencedor do Grammy. Esse álbum, que marca a estreia da cantora na carreira solo, está disponível nas principais plataformas de streaming musical e foi lançado também em formato de vinil.



36. Transexual

tran-se-xu-al

A palavra transexual é um termo do campo médico que se refere a uma pessoa que tem uma identidade de gênero diferente daquela indicada pelo sexo biológico de nascença. Assim, essa palavra expressa também um diagnóstico, no qual a pessoa reivindica para si a categoria do gênero oposto ao que foi designado pela sociedade após o seu nascimento. Esse sentimento de desconexão entre sexo e gênero é nomeado como “disforia de gênero”.

No entanto, em 2019 a transexualidade parou de ser considerada uma doença pela OMS, fazendo com que parte da comunidade trans abandonasse o termo “transexual”, uma vez que ele, na visão de algumas pessoas trans, acaba carregando um caráter patologizante, de doença mesmo, sabe? **Então**, a dica é: o melhor é evitar esse termo!

Curiosidade: Você não vai acreditar! A Rússia tem uma legislação muito severa anti-LGBTQIAPN+. Para se ter uma ideia, nesse país pessoas transgêneros, crossdressers, intersexo, travestis e transexuais não podem tirar carteira de habilitação. Além disso, a cirurgia de redesignação sexual está proibida, bem como a mudança de gênero em documentos oficiais e a adoção de filhos por casais da comunidade. Embora a União Soviética, a partir de 1970, tenha vivenciado um período de postura mais progressista em relação a essas pautas, em 2023 essa nova lei restritiva de direitos foi sancionada pela Rússia.

Indicação: A representação de corpos trans na mídia tradicional é muito discutida, o que alguns consideram “propaganda” trans para outros é só uma forma de poder ver suas vivências refletidas em filmes e séries. A história da representação de corpos trans na televisão pode ser vista no último episódio da série documental Visível, disponível na Apple TV+.

A palavra transexual é um termo do campo médico que se refere a uma pessoa que tem uma identidade de gênero diferente daquela expressa pelo sexo biológico de nascença.

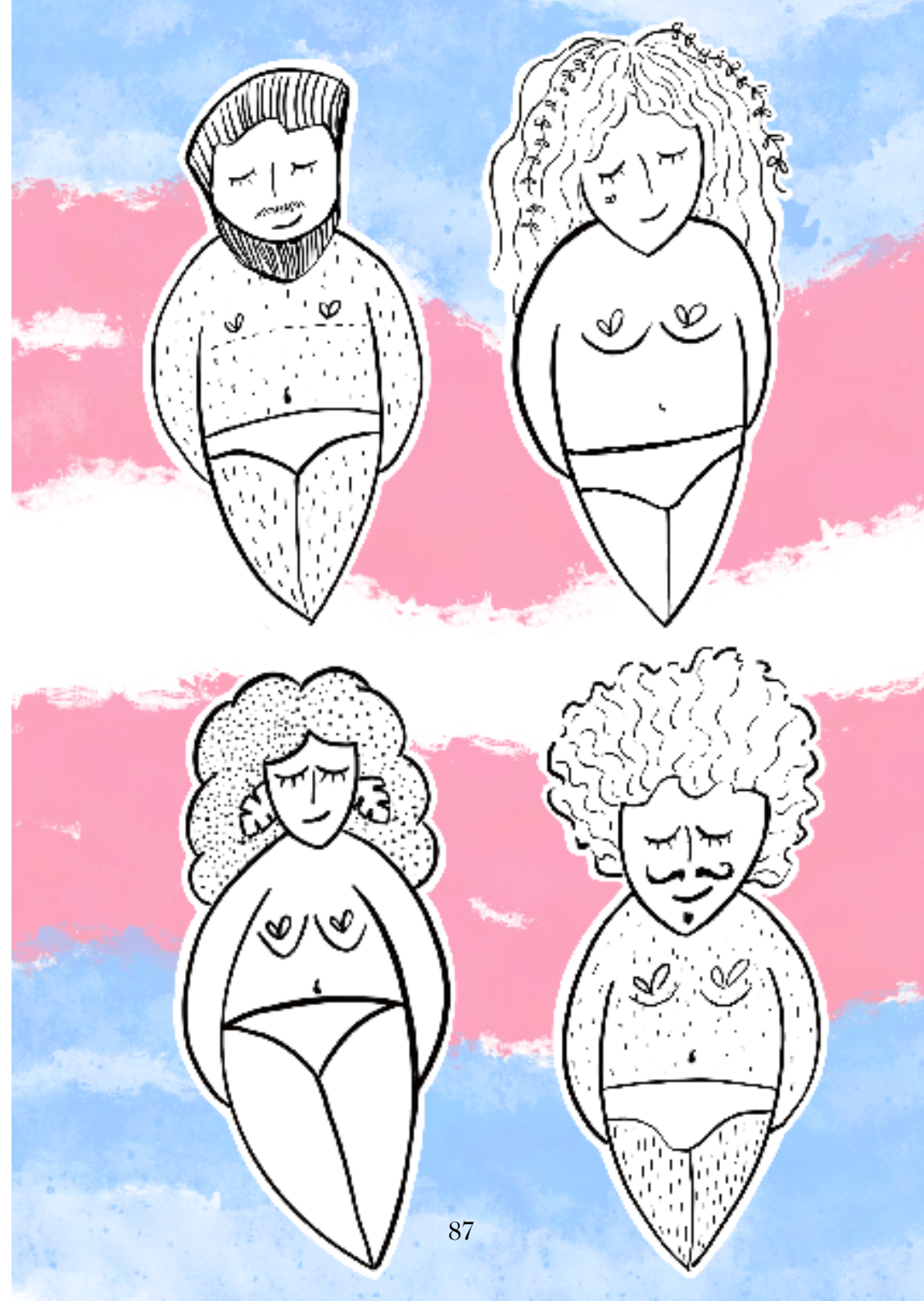
37. Transvestigênera

trans-ves-ti-gê-ne-re

Esse é um novo termo que surgiu no Brasil, unindo as ideias de trans, transgênero e travesti em uma mesma palavra. Além disso, ele tem uma terminação neutra: em “e”, que não marca um traço masculino, geralmente definido pela terminação em “o”, nem feminino, geralmente definido pela terminação em “a”. Assim, essa palavra transmite a ideia de algo mais amplo, sabe?! Ela acaba sendo mais inclusiva, fazendo com que diferentes pessoas sintam-se representadas por ela, como as pessoas trans, as travestis e as não binárias.

Curiosidade: Esse termo foi criado por Indianara Siqueira, uma das idealizadoras da Casa Nem, que acolhe e abriga pessoas LGBTQIAPN+ em situação de vulnerabilidade no Rio de Janeiro

Indicação: A vida da Indianara Siqueira é retratada no longa documental *Indianara*, único filme brasileiro a integrar a mostra *Association du Cinéma Indépendant pour as Diffusion (Acid)* do Festival de Cannes. Esse filme concorreu à *Queer Palm*, premiação do festival para filmes com a temática LGBT, em 2019. Ele pode ser alugado ou comprado para assistir na plataforma de streaming Youtube Filmes.



38. Travesti

tra-ves-ti

Travesti é uma das identidades de gênero que estão dentro do “guarda-chuva” transfeminino, ou seja, trata-se de corpos que foram identificados enquanto masculinos no nascimento, mas que se reconhecem enquanto femininos. As travestis usam pronomes e adjetivos femininos (Ex: aquela travesti é tão bonita), assim como atributos estéticos tradicionalmente ligados à feminilidade.

No entanto, por muito tempo, o termo travesti foi usado de forma pejorativa, sempre associado à violência e ao trabalho sexual. Hoje, as travestis utilizam o termo como uma forma de reivindicação política, que marca com orgulho a história daquelas que abriram caminho para a inserção social das pessoas trans.

Curiosidade: Sabia que as travestis possuem uma linguagem própria? Conhecida como pajubá, a língua é uma junção do português com termos de origem africana o que permite uma forma de comunicação própria entre elas. Essa forma de comunicação foi popularizada com o objetivo de transmitir informações de forma sigilosa, sem a interferência da polícia ou de outros possíveis violadores de direitos da população travesti. O pajubá é uma ferramenta de resistência política e um fator essencial da afirmação da identidade travesti no Brasil.

Indicação: Uma importante travesti da cena cultural popular brasileira é a artista Linn da Quebrada. A atriz e cantora tem uma carreira musical consolidada, na qual levanta a bandeira em defesa da causa travesti no Brasil. Ela também participou da edição do Big Brother Brasil de 2022, na qual teve a oportunidade de evidenciar várias pautas relevantes à população travesti em rede nacional.



39. Violência de Gênero

vi-o-lên-cia de gê-ne-ro

É definida como qualquer tipo de agressão física, psicológica, sexual, patrimonial, moral ou simbólica contra alguém devido ao seu gênero. Pode ocorrer em diferentes esferas da vida, em ambientes de trabalho, em casa, em espaço público e até em redes sociais. Embora as pessoas dos gêneros femininos sejam a maioria das vítimas, vale lembrar que homens e minorias sexuais e minorias de gênero também podem ser alvos dessas agressões. O pensamento social machista legitima o uso da violência, seja física ou verbal, como justificativa para afirmar ou reafirmar a posição hierárquica de superioridade dos homens.

Curiosidade: Você já ouviu falar de ‘revenge porn,’?”

Significa pornografia de vingança e ocorre quando a vítima é intimidada a ter seus vídeos ou fotos íntimas compartilhados em redes sociais. Fique atento: compartilhar nudes sem consentimento é crime tipificado no art. 218-C do Código Penal, e que prevê pena de reclusão de um a cinco anos.

Indicação: A Clínica de Direitos Humanos da UFPR produziu a série “Fala direito comigo”, que conta com um episódio especial para discutir sobre a violência de gênero. Explica conceitos básicos de forma rápida e sucinta, mas ainda assim muito informativa. Vale a pena dar uma olhada!

Assista em:



Aos ilustradores:

Bruni Fernandes

Artista transmídia, pesquisador, editor independente, escritor, sou um operário da palavra e das visualidades. Sou ainda bacharel em Estudos de Edição pela FALE-UFMG (2014-2019), mestre (2020-2022) e doutorando (2023-atual) em Artes Visuais pela EBA-UFMG. Investigo, fabulo e articulo, por meio de mandingas verbivocovisuais elaboradas por e a partir de minha corpa transmasculina, minha mestiçagem e cuir amefricana. Perpassando raça, representação, transfuturismo, escrita performática, políticas culturais e performatividades afropindorâmicas, o livro como espaço performático e o queer nas artes



Igor Maciel

Doutor em Estudos do Lazer, pela Universidade Federal de Minas Gerais. Produz desenhos afroinspirados. As suas obras já compuseram quatro exposições, sendo uma delas na Semana Nacional de Museus de 2022, de Contagem-MG. Alguns dos seus desenhos são projetados nos espetáculos das cantoras Alcione e Aline Calixto. Dedicar-se também à produção de capas de livros acadêmicos.



Jocosa Aguiar

Filha da Selma e do Carlos, Joco desenha desde que se entende por gente. Ilustradora e quadrinista, teve seu trabalho exposto em eventos como Fiq e Poc Con e CCXP! Desde a fúria urbana a da natureza, sua arte transita por diversas temáticas como a fauna e a flora brasileira e a representação de corpos divergentes. Joco vê a ilustração como uma forma de libertação de dores e um exercício para tentar entender mais o mundo à sua volta.

@thejoco



Caio Piastrelli

Caio Piastrelli é ilustrador formado em Artes Visuais pela UEMG e em Jogos Digitais pela FUMEC. Suas ilustrações mesclam cartoon e raminhos delicados em composições criativas. Você pode acompanhar seu trabalho no Instagram, onde ele compartilha suas criações como @euheincaio.

Este livro foi impresso
em papel couché 90g
utilizando a fonte
Mermaid e Baskerville.



Este dicionário foi desenvolvido como um material complementar ao terceiro número da série “Sempre-Vivas”, resultado da parceria entre o Grupo de Pesquisa Estado, Gênero e Diversidade (Egedi), da Fundação João Pinheiro (FJP) e a Escola de Saúde Pública de Minas Gerais (ESP/MG). A proposta é oferecer um guia que contribua para ampliar a compreensão sobre temas ligados à diversidade sexual. As definições presentes no material estão em constante transformação, refletindo o caráter dinâmico das questões abordadas. O objetivo central é servir como um recurso pedagógico que apoie famílias e educadores na abordagem de questões relacionadas à diversidade de gênero e sexualidade. Composto por 40 verbetes, o material reúne não apenas definições, mas também curiosidades, sugestões de livros, filmes, documentários, vídeos e outros conteúdos midiáticos. O texto e as ilustrações, de forma integrada, transcendem a simples soma de suas partes, trazendo referências visuais que enriquecem o processo de ensino e aprendizagem.

Realização



Parceria



Apoio



978-65-89122-45-6